

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 Sophie Jaff
Todos os direitos reservados
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Love is Red*
Título: *O Amor É Vermelho*
Autor: Sophie Jaff
Tradução: Líliliana Lavado
Revisão: Isabel Garcia
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Vera Braga / Marcador Editora
Imagem de capa: © Leigh Bishop / Trevillion Images
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-215-2
Depósito legal: 403 733/16

1.^a edição: fevereiro de 2016

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Tu seduziste-a num bar. Ela não é o tipo de mulher que normalmente se deixa seduzir, mas isso não constitui problema para ti. Ela é uma mulher bela, mas solitária. Os homens que ela tem escolhido não têm sido bondosos. Eles mentiram-lhe e fizeram-na sentir inferior àquilo que realmente é. E o tempo está a passar; ela é bela, mas não está a ficar mais jovem. Estava sentada no bar quando tu chegaste. Lia um livro. Tu já viste esta estratégia antes. Um livro, para mostrar que tem estilo suficiente para ir a um bar com um livro, um livro e não um grupo de amigas, um livro e não um homem. O título era *O Estranho Mundo de Garp* de John Irving. Tu aprecias a escolha; demonstra que ela tem um certo sentido de estilo, um certo sentido de humor. Não a abordas de imediato. Fazê-lo seria uma parvoíce. É óbvio que ela está à defesa, pela forma como segura no copo da bebida, embrenhada na leitura. Ainda assim, a roupa que está a usar diz: *posso estar a ler, mas isso não significa que sou apenas um intelecto sem corpo*.

Tu observas o que está exposto, as pernas longas e definidas com o brilho de colãs pretos. Está à vista apenas o suficiente para te dar uma ideia das coxas, pálidas e suaves sob os colãs. Mas é apenas um palpíte, uma sugestão mais do que qualquer outra coisa. Tu aprecias novamente a imagem. Esta mulher não é vulgar. Ela tem classe, talvez até tenha um mestrado. Usa uma saia clássica justa, alinhada abaixo do joelho, e uma blusa branca de boa qualidade, inócua. Está a beber o que aparenta ser um vodka tónico.

O copo pálido, a rodela de lima e a mulher elegante e solitária a fingir ler o seu livro. Juntos, eles formam uma imagem bela e tu ficas a admirá-la por um momento antes de avançares. No entanto, nada tão crasso como um *olé* — já viste outros a tentarem essa abordagem, até mesmo a chamarem-lhe a *bibliotecária*. Amadores.

Em vez disso, tu esperas que eles se vão embora e que ela fique realmente sozinha. Ela permanece na mesma página por demasiado tempo. E então, envias-lhe um *Macallan* de dezoito anos, uma bebida verdadeira, uma bebida séria. É uma bebida que sabes que a vai apenhar de surpresa pela sua qualidade e classe. Tu envias e esperas. Inicialmente ela fica irritada e desconfiada, embora seja pouco provável que tenha sido um rapazola qualquer ou um gestor de classe média a oferecer-lhe aquela bebida de cor âmbar.

Depois, ela vê-te.

Tu não és o que ela esperava. És atraente, sério. Olhas para ela apenas o tempo suficiente para a deixares desconfortável e depois ofereces-lhe um pequeno sorriso, uma mera inclinação do lábio. Isso mesmo. Deixa claro que não há qualquer compromisso com aquela bebida dispendiosa. Ela deve bebê-la e ser feliz e esquecer-se de ti. Mas agora ela não consegue; agora que sabe que pode afastar-se, ela não o faz. E então, é ela que dá indicação de que podes sentar-te junto dela, é ela que inicia a conversa, é ela que está preocupada agora. Está preocupada que talvez tenhas uma namorada, uma esposa, que talvez estejas entediado, que talvez vás embora. E tu não és muito encorajador, apenas o suficiente. Dás-lhe o espaço suficiente para que ela se sinta segura. Falas em tom baixo. És espirituoso. Tu nunca lhe tocas, nem mesmo para enfatizar a boa observação que acabaste de fazer. Ela inclina-se, aproxima-se para te ouvir a fazer mais um comentário seco e divertido. Ela quer que lhe toques.

Tu não o fazes.

Em vez disso, pedes mais uma rodada de bebidas e depois outra. Não há nada de extravagante no gesto, é claro. Dás apenas um aceno de cabeça ao *barman*. Isto demonstra que, embora tenhas classe, tenhas estilo, tenhas dinheiro, tenhas poder, nunca te exhibes. És bem-educado, inteligente, poderoso e ambicioso, mas não és um idiota.

Agora o álcool está a entrar na corrente sanguínea dela.

Ela fica um pouco mais descontraída. O cabelo dela, as pequenas mechas sedosas junto às orelhas, começam a ficar rebeldes e tornam-se também suaves e soltas. O livro é afastado para longe, esquecido. Cotovelos apoiados na mesa, inclinada, a rir, a tocar-te levemente no braço. Quando ela faz isto, sente o quão firme é o teu braço. Tu fazes exercício. Ela avalia-te quando julga que não estás a ver. Questiona-se sobre o que poderá vir a resultar disto.

Na cabeça dela, já está a contar às amigas como te conheceu. Na cabeça dela, experimenta a frase *num bar* e junta-a a *prestes a ir embora, levantar os olhos, vimo-nos um ao outro, falamos durante toda a noite*.

Então o empregado do bar anuncia que vão encerrar. Tu dizes: *Então...?* — Sorris. Encolhes os ombros.

De súbito parece que todos os sonhos dela estão prestes ser soprados pelo vento. Tu fazes uma pausa, apenas o tempo suficiente para o seu coração embriagado se afundar como uma pedra e depois perguntas-lhe onde quer ir de seguida. Esta é a pergunta que abre todas as portas. Esta é a pergunta que é realmente o *sim*.

Mas ela talvez ainda não esteja preparada para admitir onde realmente gostaria de ir contigo. Tu, com os teus braços fortes, o teu sorriso irónico, o teu calor humano, as tuas linhas de riso em redor dos olhos, a forma fácil como sabes ouvir, as tuas roupas impecáveis e caras, que te assentam tão bem. Ela não quer parecer uma mulher fácil. Não é desse género de mulher. Ela é qualificada, tem um emprego. Tem uma boa vida. É uma mulher encantadora. Ela só precisa de ser cortejada, pelo menos um bocadinho mais. Ela está a conter-se com firmeza mesmo estando já um pouco desequilibrada. Tu lembra-la para levar o livro. Ela ganha um rubor. É encantadora.

Prosseguem para um pequeno bar que conheces, iluminado por luzes de velas que lançam pequenas sombras peculiares às paredes. Fazes um pedido para ambos. Ela adora o *Pisco Sour* que escolhes para ela. Tu sabias que isso iria acontecer. Bebe-o demasiado rápido. Julga que também estás embriagado porque és tão afável e porque parecees conhecê-la tão bem.

A pequena cabine vermelha que escolhes obriga-vos a sentarem-se frente a frente. Ela estuda o teu rosto esguio e atraente. Maravilha-se com a própria sorte. Deseja que a toques. De súbito, ela quer-te, mesmo, mesmo muito. Se não a tocares ela é capaz de morrer.

A luxúria é da cor do mel a escorrer de uma colher; cheira às pipocas das outras pessoas no cinema. Puxa como uma onda sob os dedos dos pés, chocalha como uma pulseira sobre o vidro de um balcão de exposição, soa como duas pessoas a rirem de uma piada privada, tem o toque do linho escorregadio junto à face, uma parede a pressionar-te as costas.

Tu inclinas-te até ela e beija-la apaixonadamente. Os teus lábios são fortes e quentes e macios. Esmagas-lhe a boca, a tua língua e a língua dela. A tua boca é quente e tem um gosto leve a menta. E tu beija-la e beija-la e beija-la. É um beijo maravilhoso. É um beijo magnífico. É um beijo tão perfeito que a deixa sem força e sem palavras. Não lhe restam ossos no corpo. Ela está incrédula por ainda conseguir estar sentada direita. Tu dizes que queres sair dali. Ela dá um aceno de cabeça. Também quer. Ela quer-te, quer-te de tal forma que já não se importa com o que tu, ou qualquer outra pessoa, ou até ela própria, pensa dela. Quer estar na cama contigo. Quer que a beijes e que o beijo a envolva, como se pudesse viver para sempre nesse beijo. Quer-te nela e em cima dela e a consumi-la.

Desta vez levas tu o livro. Não queres que ela o esqueça novamente.

Vais para casa dela. Ela ainda sabe o que é mais seguro, ainda quer estar em território conhecido. O espaço é agradável, mas impessoal, impressões semelhantes aos quadros de Matisse nas paredes que não são brancas. O apartamento de uma mulher que trabalha muitas horas, o apartamento de uma mulher que é uma profissional, o apartamento de uma mulher que não quer montar mobília sozinha. Tu ofereceste o teu, mas aceitaste a escolha dela. Ela imagina que o teu apartamento seja muito bonito e recheado de coisas masculinas e elegantes. A seu tempo, ela tem a certeza de que o irá ver com os próprios olhos. Diz-te para te servires de vinho; tu fazes isso. Também lhe serves mais um copo. Ela está no sofá longo e macio, a ansiar e ansiar estar na cama contigo. No entanto, tu não voltaste a tocá-la. Ela continua a pensar naquele beijo e em todos os outros beijos que estão para vir e as coisas que se seguirão. Tu falas enquanto serves a bebida. És engraçado, mas não inoportuno. Tu nunca és inoportuno,

nunca insípido. Sentas-te ao lado dela com o copo de vinho. Por esta altura ela está bastante embriagada. Ainda assim, tu incentivas para que dê mais um trago. Admiras a garganta perfeita dela enquanto engole. E então, ela fecha os olhos. Tu tiras-lhe os sapatos, e ela sorri levemente enquanto lhe massajas os pés. Tu és maravilhoso. É uma sensação incrível. Ela geme um pouco porque tu és bom naquilo que fazes e trabalhas com celeridade. Ela mantém os olhos fechados e isso é bom porque exalta a experiência. Ela consegue sentir as tuas mãos, sensações, texturas e toques diferentes. Ela poderia pensar sobre isso, mas já não consegue pensar. A sua cabeça está demasiado quente. As roupas demasiado apertadas.

Apertado. Tu deslizas as mãos ao longo dos braços imóveis dela e acaricia-os, de seguida as mãos. Também isto é uma sensação incrível; os olhos dela ainda estão fechados, a tentar absorver cada uma das experiências que competem pela atenção dos seus sentidos, macio e firme e carinhoso. Cada dedo leve e fino, os seus pulsos e os seus ossos engenhosos e elegantes. Tu aprecias cada um dos dígitos enquanto laboras, enquanto a preparas. Ela suspira e dizes-lhe para não abrir os olhos ainda.

Depois estás junto a ela, o teu braço a rodear-lhe o pescoço. Tu puxa-la para mais perto.

Ainda mais perto.

Inclinas-te, mais ainda, e sussurras um pequeno segredo no seu ouvido suave, curvado e vulnerável. Exposto como um ratinho macio.

Os olhos dela arregalam-se.

Tu continuas a sussurrar e ela tenta endireitar-se. Tenta sentar-se direita, para te olhar o rosto. Tenta sentar-se direita, para ver se estás a falar a sério.

Mas tu és muito forte.

Tu puseste algo na bebida dela.

E agora ela vai descobrir que lhe amarraste as mãos com corda. Fina e de náilon, do tipo que facilmente cabe no teu bolso, o tipo de corda que não vai esfiapar-se nem partir.

Deslizas a tua mão forte desde a base do pescoço dela até à sua boca quente e suave. Ela tenta morder-te, mas tu lembras-te bem desse truque. Colocas alguns dedos teus dentro da boca dela, segurando-lhe o maxilar aberto para que as mordidelas dela não sejam mais do

que as de uma cachorrinha. Tu gostas da escuridão molhada da boca dela, os teus dedos na escuridão molhada, e dás-lhe um pequeno puxão à língua. Apenas um pequeno puxão, porque a cachorrinha tem de saber que não se morde, a cachorrinha tem de aprender. Ela choramíngua. Talvez doa. Mas dói de uma forma boa. Tu gostas disso. Sabes que a adrenalina dela está a combater o álcool e as drogas. A adrenalina não é rival para ti. Com a outra mão, desces ao longo do seu corpo. Porque ela tem outras partes que gostas. Tantas partes. Lentamente, desabotoas cada um dos botões da sua blusa. Ela está a tentar libertar-se, mas ainda está incerta. Tu és incrivelmente delicado, apesar da agitação dela. Talvez mais ainda, porque gostas de um desafio.

Não queres estragar a blusa dela. Os seios, no sutiã, estão expostos. Deslizas uma mão delicada sobre eles. Os mamilos enrijecem apesar, ou devido, do medo dela. Tu baixas o rosto e sugas através do material. Ela geme novamente. Está aterrorizada pela possibilidade de lhe poderes morder os mamilos, mordê-los com força. Ela pensa nisto devido ao segredo que lhe contaste.

Como poderá alguém apreciar verdadeiramente a vida, sem nunca a ter destruído?

Ela pensa que sabe o tipo de homem que és. Mas vai ter uma surpresa. Ela não faz ideia. Ninguém faz. E então contentas-te em chupar e lamber os seios redondos e macios. Até os mamilos dela estarem duros e quentes independentemente da sua vontade. Ainda a lutar, mas ela está-se a exaustar.

O que é uma tolice.

Tu, que trazes a morte, sabes o quão fugaz é a vida. Tu sabes porque a roubas, a partes, a inalas, sangue e fôlego e osso.

Uma das tuas mãos ainda permanece na boca quente, molhada e cor-de-rosa dela, a segurar-lhe a língua habilmente, e a outra está debaixo da saia travada, debaixo, debaixo e lenta. Uma carícia firme e deliberada e depois de súbito para cima entre as pernas dela. Agora ela tenta novamente sacudir-se para se libertar e, talvez pela primeira vez, sente uma constrição súbita porque também lhe amarraste as pernas. Estás a sentir entre as pernas dela, o brilho escorregadio das coxas contra a suavidade dos genitais.

Mais camadas para ultrapassar. O que fazer agora? Tu gostas. É agradável ter escolhas. A cachorrinha geme e agita-se um pouco.

— Sê boazinha, cachorrinha — dizes-lhe. — Sê boazinha.

Enquanto pensas, fazes círculos com o teu polegar contra os genitais cobertos, largos e depois mais pequenos, depois acariciando para a frente e para trás por cima do tecido apertado. Ela tenta fechar as pernas. Cachorrinha pateta. Isto só te deixa mais excitado para brincar. Vais ter de a ensinar. Casualmente, rasgas um buraco nos colãs dela. Um buraco perfeito.

— Cachorrinha má — sussurras. — Vê o que me obrigaste a fazer. — Tu gostas do cheiro dela agora. Adocicado. Um rosnar fétido de medo animal a trespassar pelo perfume floral dela. Está a usar cuequinhas de um azul-pálido apesar do sutiã de renda. Não é a melhor roupa interior dela. Ela nem sonhava que naquela noite iria realmente ficar nua. Ela não planeara conhecer-te. Tu estás a esfregá-la e a esfregá-la através da roupa interior enquanto ela ainda continua a tentar afastar-se. Os olhos dela estão arregalados e cheios de lágrimas. Tu gostas da humidade. Lambes as lágrimas com a tua língua e o sabor salgado deixa-te duro. Muito, muito duro. Tu estás a divertir-te tanto. É divertido brincar, depois de uma ausência tão longa. Ela cheira como tu gostas. Queres comer a forma como ela cheira agora. Tu consegues cheirar mulheres como um porco cheira trufas. Funga, funga pela trufa. A humidade começa a revelar-se. Agora tu puxas para baixo as cuequinhas azuis.

— A minha cachorrinha está húmida?

Tu queres saber.

Colocas o nó de um dedo na essência cor-de-rosa dela e esfregas gentilmente. Esfregas uma e outra vez no centro dela. Tu vais deixá-la tão dura como tu. Dás-lhe um pequeno puxão. Ela geme. Através da tua mão e os teus dedos na língua dela. Tu és incansável. És forte.

— Gostaste disto? — perguntas. Sim. Sim, ela deve gostar. Tens a certeza que gosta. Elas gostam sempre. O polegar a roçar e a circundar, os teus dedos a descerem. O barquinho num vai e vem. E então eles entram. Lentamente, a subirem lentamente, a subirem pela escuridão apertada, molhada e escorregadia. Tão apertada e molhada, indiferente à vontade dela. Dois dedos a subirem pela escuridão cor-de-rosa. De um lugar, algures distante, ouve-se uma cachorrinha a gemer cada vez mais, e mais alto.

— Cala-te — dizes. — Sê uma cachorrinha bem-comportada.

Agora tens as duas mãos postas nela. Uma na boca e a outra na cona. Poderias rodá-la como um espeto. Rodar e rodar e rodar. Talvez o faças. Mas ela está a contorcer-se e a gemer demasiado. Dás um pequeno abanão aos ombros dela.

— Comporta-te — dizes.

No entanto, *tu* não dizes que vais comportar-te. Porque não vais.

Ela é a tua primeira bebida depois da seca, a tua primeira mordida depois da fome. São dela os primeiros veios, as primeiras gotas de sangue e de cores brilhantes. Tu tencionas saborear cada gota.

No Início tu não caçavas; apenas procuravas e destruías.

No Início eras veloz e não te demoravas. Tiravas aquilo que precisavas, fazias a colheita do Recipiente, e desaparecias. Mas com a passagem das eras do tempo começaste a amar as cores a sussurrarem nas tuas veias e a bombearem pelo teu coração. Cada cor trouxe-te para mais perto da vida, deu-te uma compreensão mais profunda de como é vivida, tão diferente do vazio do nada, a grande ausência.

Começaste a abrandar.

Começaste a disfrutar.

Tu vais contar-lhe mais histórias. Histórias que farão os olhos dela arregalarem-se e as coxas apertarem-se enquanto tenta afastar-se. É por isso que é mais seguro quando as amarras. Aprendeste isso há muito tempo atrás. É para o próprio bem dela. De outra forma ela iria mover-se demasiado, mais do que tu gostas, e depois terias de a impedir de se mover. Depois ela não duraria muito. Isto já aconteceu antes. Meninas más não têm direito a brincadeira.

Os comprimidos e o vinho começam agora a fazer efeito. Tu pensas que por esta altura ela não te dará muito mais resistência. A tua alegria e o sofrimento delas termina sempre demasiado cedo. Vais ter de lhe mostrar a faca. Isso deve acordá-la, pelo menos durante algum tempo. Abres o teu saco italiano e elegante em cabedal — aqueles italianos têm de facto estilo — e tiras para fora algumas das tuas coisas favoritas.

Amordaça-la habilmente com o lenço macio de seda vermelha que guardas para estas ocasiões. Assim que ela não consegue gritar, tu exibes a lâmina para que a veja.

Sorris. Consegues ver que, afinal, esta vai revelar-se uma lutadora.

Enquanto a preparas para o teu verdadeiro propósito, chamas-lhe o nome que tens desejado chamar-lhe durante toda a noite.

Inclinas-te sobre ela e chamas-lhe Katherine.

Ela olha para ti, exausta, as lágrimas a descerem-lhe pelo rosto. Molhada, molhada, toda molhada. Confusa, ela abana a cabeça. Esse não é o nome dela, e o que é ainda mais engraçado, veio-lhe à ideia que se te aperceberes que tens a mulher errada, talvez a libertes.

Oh, lamento imenso, cometi um erro, irias dizer.

Tu não consegues resistir a isto.

Perguntas-lhe se ela está a dizer que não é a Katherine Emerson. Tu permites que a tua testa se engelhe, que se contraia de forma charmosa. Ela abana a cabeça violentamente, fazendo tanto barulho quanto lhe é possível através da mordação. Que não é muito. Tu sabes como amarrar uma mordação. Perguntas novamente se ela tem a certeza. A cabeça dela agita-se energeticamente de um lado para o outro e surgem sons pegajosos e desesperados por entre o lenço de seda. Nos olhos dela, surge uma luz. Talvez ainda tenha uma hipótese de te escapar. Tu estás completamente louco, e talvez tenha sido esse o ingrediente secreto.

Ela é a Kathleen, não a Katherine. *Kathleen*, tenta dizer-to através da mordação, *o meu nome é Kathleen. Kathleeeeen!* Mas o único som que surge é — *Eeem, eeem!*

— Bem, nesse caso — dizes alegremente e moves-te sobre ela como se fosses libertá-la. O olhar desesperado de esperança e alívio nos olhos dela é verdadeiramente delicioso. Realmente, ela é uma mulher encantadora.

Então tu ris e chamas-lhe *cachorrinha pateta* e endireitas-te e afastas-te. Apenas pelo prazer de veres o rosto dela tornar-se cinzento. Tu interioriza-lo.

O terror é da cor de debaixo da cama, é da cor da medula óssea e da cor do carvão, lamuria-se como sirenes, tem zumbido de vespas, o baque de uma máquina de ressonância magnética, o sabor do suor, o sabor do metal, o sabor de um refluxo de bÍlis, o toque áspero de cimento na pele, o batimento semelhante ao de um coração acelerado.

Tu voltas ao presente com um suspiro. Por mais prazeroso que isto seja, tens uma missão.

E ela é somente um meio para chegar ao Recipiente.

Katherine, que te despertou da tua escuridão.

Katherine, que te chama cada vez mais perto.

Katherine, o teu destino.

Katherine, a perfeita.

Katherine, a única.

Voltas-te de novo para a Kathleen, amarrada e amordaçada no sofá.

Kathleen, a tua provedora generosa, a primeira mulher da qual vais colher. As suas tonalidades gloriosas de luxúria e terror, confinadas dentro da pele dela, gritam para serem libertadas.

— Obrigado — dizes. Pegas na tua faca.

Como se sabe, é indelicado fazer uma senhora esperar.

CAPÍTULO 2

Agora, o homem vestido com uma caixa de cartão está a falar-me de comida mexicana.

Ele olha-me no rosto enquanto me conta tudo acerca de um restaurante chamado *Agave* que eu tenho de experimentar. Eu quero olhar para trás, mas não estou habituada a tanto contacto olhos nos olhos. Também não estou habituada a homens seminus a falarem-me entusiasticamente sobre restaurantes. O meu rombencéfalo* está a implorar-me para baixar o olhar. Quero ver o pénis dele. Não quero ver o pénis dele. Seja como for, nunca me lembro de pénis específicos. Eu aprecio-os, mas não me lembro deles individualmente.

Distraída, distraída, distraída, distraída, distraída, distraída.

Agora o homem vestido com a caixa de cartão está a falar-me de empanadas.

— São as melhores que alguma vez comi — diz ele. — Orgânicas, cem por cento garantido.

Ele olha-me diretamente nos olhos enquanto diz isto. Não é normal em conversas. Numa conversa normal os olhos tendem naturalmente a desviarem-se e a voltarem. Ninguém mantém tanto contacto visual a não ser que esteja a treinar um cão, ou a olhar para o seu bebé ou para o seu amante na cama. É desconcertante.

* O *Rombencéfalo* é a parte do tronco encefálico e forma o chamado cérebro posterior. (N. do T.)

— O sítio chama-se *Agave* porque eles não usam açúcar, e se aprecias realmente comida mexicana, tens de experimentar.

Neste momento estou numa festa TMR. «TMR» é a sigla para *Tudo Menos Roupa*. Eu mesma estou a usar apenas uma cortina. Embora em teoria a cortina se qualifique como *não sendo roupa* é, de facto, tecido e por isso mesmo já criou um ambiente hostil com aqueles que levam a sério o tema desta festa. As pessoas que levam esta festa a sério são as duas raparigas rechonchudas e os três homens pequenos e peludos que estão a dançar com elas. Esta tem sido uma primavera leve e relutante, toda a gente parece saturada de usar várias camadas de roupa.

Não me importo pela falta de roupa, embora o ache estranhamente decadente dado o que se anda a passar. Acabaram de encontrar mais uma rapariga. O que perfaz três este mês. Três raparigas encontradas nos seus próprios apartamentos com as gargantas cortadas e entalhes intrincados espalhados pelo corpo. Ninguém fala de outra coisa.

Dizem que é um serial killer.

Não conseguem perceber como é que ele consegue entrar.

Merda, é tão assustador. E ela só foi encontrada uma semana depois.

Por estes dias, quando vou a uma festa, só quero ficar um bocadinho *alegre* com uns copos de vinho tinto. Quero falar sobre os filmes vistos, e os não vistos, e comentar a vida política, de preferência com pessoas que no geral partilham dos mesmos pontos de vista que eu. Quero divertir-me e rir e talvez até dançar ao som de uma música como *Love Machine* dos Miracles. Mas agora estou aqui, a segurar um copo de ponche, a desejar estar num bar descontraído onde ninguém veste nada para além de roupa normal e se conversa sobre vítimas de homicídio. Esta festa é a razão pela qual desejava ser casada. Desejava estar num relacionamento sério, ou até mesmo num relacionamento não-tão-sério. Esta festa faz-me desejar estar a ver televisão, a comer comida tailandesa, ou chinesa, ou japonesa, ou um qualquer tipo de comida *take-away* a terminar em «esa». *Take-away* e os meus pés calçados com umas meias e pousados em cima do colo de alguém.

Fui coagida a estar presente, uma chantagem feita por um dos meus poucos amigos que ainda permanece solteiro, um amigo *gay*, o Colin. — Anda — disse-me ele. — Vai ser uma festa divinal.

Convidou-me com muita antecedência. Eu disse que *sim*. O facto de ele ser solteiro e *gay* é uma benesse dupla. Não me restam muitos destes. Não me posso dar ao luxo de o perder.

Só depois de ter aceitado é que ele me disse que era uma festa temática. O traidor. A pior parte é que eu poderia estar com o David neste momento. Mas pensei que seria rude abandonar o Colin, o mesmo Colin que agora está sentado demasiado perto do anfitrião da festa. E também pensei em me fazer um pouco de difícil com o David. «Não te mostres demasiado ansiosa» disseram as minhas amigas que têm marido. «Obriga-o a conquistar» disseram as minhas amigas que têm um namoro estável e parceiros de longo-termo.

Cometi o erro de ouvir pessoas que se esqueceram de como as coisas são, e agora estou sentada sozinha e furiosa e a usar uma cortina, à espera de ir para casa. Há aqui pessoas com pouca roupa embrenhadas em conversas sérias. Vejo-lhes os dentes a reluzir na luz fraca. Alguns estão recostados nos sofás; outros estão reunidos em pequenos círculos. Eles movem-se como se estivessem debaixo de água. Eu estou sentada no sofá. Olho para o telemóvel. Nada.

Estou à espera de uma mensagem. Não há qualquer razão para ele me enviar uma mensagem, mas mesmo assim, quero que me envie uma. Eu poderia estar com ele esta noite. Nós conhecemo-nos há pouco mais de uma semana e agora eu estou sentada à espera de uma mensagem.

Na semana passada estava sentada na Biblioteca Morgan para me encontrar com ele. Embora fossem quase sete horas o átrio estava inundado de luz. Alguns museus permanecem abertos até mais tarde às sextas-feiras e eu pensei que era uma sugestão com classe para um primeiro encontro. O brilho impecável do soalho de madeira e as linhas arquitetónicas sóbrias fazem-nos sentir que estamos a obter: *a)* algo de valor, cultura; *b)* sem dúvida que devias fazer alguma coisa para remodelar o teu apartamento. Apesar de ter chegado cedo, eu estava a olhar o relógio, um tique nervoso que sempre tive, quando um rapaz se aproxima e me pergunta:

— Sabes a que horas o museu fecha hoje?

Eu estava prestes a responder quando o olhei mais atentamente. Ele era alto e esguio, com cabelo castanho-claro que lhe caía sobre a testa, óculos redondos, olhos cinzentos, queixo oval.

— David?

— Katherine?

Quando sorriu, ele pareceu ainda mais giro do que na Internet.

— Estou tão contente que sejas tu — disse ele.

— Porquê?

— Porque se não fosses a Katherine eu iria ter de fazer de conta que eras.

— Obrigada, acho eu.

— Vamos entrar? — Ele já comprara os bilhetes.

Era uma boa altura para entrar; grande parte dos turistas já se tinha dissipado para uma refeição antes do musical na Broadway, e a multidão de pessoas locais estava agora a começar a chegar. Atravessámos o átrio, com a acústica amplificada, passámos o pequeno café ao centro com as suas cadeiras de metal e mesas brancas redondas. Um par de empregados olhavam para duas mulheres pastosas em ténis e bolsas de prender à cintura que se demoravam embrenhadas em conversa, junto ao que restava dos seus *cappuccinos* frios. Pensei que depois de vermos a exposição poderíamos ir até ali tomar uma bebida. Era um pouco dispendioso, mas valia a pena pela oportunidade de apreciar quem passava.

Nós queríamos ver a exposição *O Pequeno Príncipe: Uma história de Nova Iorque*, mas quando entrámos na galeria do segundo piso ouvimos a guia da visita antes mesmo de a vermos. Fatigada e autoritária, com uma massa de cabelo ruivo quebradiço, ela parecia levar muito a peito a sua tarefa.

— Saint-Exupéry fumava como uma chaminé — dizia ela para o grupo reunido em redor dela. Ela soava crítica. — Aproximem-se e poderão ver onde ele queimou uma página.

Eles fizeram-no, segurando os seus telemóveis e movendo-se para obterem uma perspetiva melhor. Eu e o David olhámos um para o outro numa concordância que não necessitou de palavras, e fomos ver a exposição de escultura em madeira no terceiro piso.

Ali, num silêncio mais tradicional, havia figuras pintadas com tinta preta em taças robustas de um vermelho-escuro e penduradas nas paredes. Um livro ilustrado dos *Trabalhos de Geoffrey Chaucer* estava aberto sob um expositor em vidro. Uma mulher negra deslumbrante estava de vigia. Ela parecia ansiosa por poder confrontar alguém, levá-lo ao chão e partir-lhe os dedos, articulação por articulação, por pensar sequer em tirar uma fotografia.

Nós não tirámos fotos. Caminhámos lentamente de imagem para imagem. O David não ficou colado a mim, nem me deixou completamente sozinha. Movemo-nos mais ou menos ao mesmo ritmo, fazendo os pequenos sons *mmm* no fundo da garganta que usualmente se faz quando se contempla arte. Quando chegamos ao final ele perguntou:

— Então o que pensas deles?

— Há algo de ominoso acerca das peças de madeira da década de 1920, muito pressagioso.

— Concordo.

— Quanto ao Chaucer. — Encolhi os ombros. — São como ilustrações de contos de fadas, não são? De certa forma obscuros e convidativos.

— Essa é a descrição perfeita. Era exatamente o que eu estava a pensar.

Senti-me incrivelmente satisfeita por me ter conseguido sair tão bem.

De volta ao primeiro piso, a guia da visita continuava a falar, agora acerca de aviões de combate, por isso fomos ver a coleção permanente. A estética mudou abruptamente para a opulência sumptuosa dos aposentos privados de um financeiro do século XIX. Os remoinhos cor-de-rosa no chão de mármore sucumbiam a passadeiras orientais de um vermelho ostentoso. Uma lareira magnífica em mármore nascia da parede de painéis de madeira e cavalos em bronze elevavam-se nas suas patas traseiras junto a pinturas reluzentes de mado-nas em sofrimento, mas as estrelas mais proeminentes eram os livros. Uma sinfonia de volumes nas suas encadernações douradas a elevarem-se até ao teto coberto por frescos, onde cupidos e anjos flutuavam e deuses e deusas rompiam por entre nuvens douradas. Eu olhei para cima, absorvendo tudo aquilo.

— *Pss!*

Divertida, caminhei até junto dele.

— Ainda existe alguém que faz *pss?*

— Tudo bem, confesso, sempre quis dizer isso, mas olha. — Ele fez um sinal com a cabeça para um canto, onde uma porta estava aberta.

Nós esgueiramo-nos para dentro.

Junto à porta estava um sinal que dizia:

TESOUROS DO COFRE:
O ESPÍRITO SECULAR DA VIDA MEDIEVAL

Inclinei-me para o examinar melhor e apercebi-me de que a exposição terminara há dois dias.

O David sorriu.

— Devemos entrar?

O guarda estava bem longe, do lado oposto do corredor. Não havia ninguém por perto. Não era coisa que eu faria em circunstâncias normais mas...

A galeria estava mais fria e escura do que qualquer outra zona do museu com exceção da luz fraca no interior dos expositores de vidro, embora a maioria dos objetos já tivessem sido removidos. Havia uma aura sinistra naqueles expositores vazios e luminosos, como se o seu conteúdo tivesse rastejado para longe por vontade própria. Como crianças furtivas que se esgueiraram para dentro de uma tenda de circo, nós caminhámos em silêncio, parando para baixar o olhar para o que ainda restava: uma peça de joalheria, uma pauta de música iluminada. Senti uma certa adrenalina de satisfação com cada peça que encontrávamos na nossa secreta caça ao tesouro. Estava tão absorta neste novo espírito de viver no limite que me desviei deliberadamente do David e fui até a uma outra antecâmara da galeria.

Foi um movimento que lamentei quase de imediato. Todos os expositores naquela sala pareciam estar vazios e havia ali uma aura que me deixava inquieta. Era como se me estivesse a *aguardar*. Eu estava prestes a sair quando um expositor iluminado num canto mais afastado me chamou à atenção.

Nele estava um manuscrito com iluminuras que permanecia aberto.

Aproximei-me e inclinei-me para ver mais de perto.

A ilustração era cativante. Era uma representação de um crepúsculo, o céu num carmesim intenso, aconchegado entre linhas douradas. No que restava do sol que se esvanecia estava uma mulher ao centro que olhava de volta para o leitor. A pele dela era branca como a casca de um ovo, os olhos eram pequenos pontos pretos ovais, a boca vermelha nem sorria nem franzia. Usava um vestido de um verde intenso, os sulcos escuros da saia amontoavam-se em redor dos pés dela. O cabelo cor de avelã caía-lhe pesado sobre os ombros.

Na palma da mão direita segurava uma maçã; na esquerda segurava um punhal de prata ornamentado, quatro lágrimas vermelhas pingavam da lâmina. Atrás dela, uma floresta de troncos densamente intrincados, folhas pálidas, e fetos amarelos amontoavam-se uns nos outros. Um pequeno vapor elevava-se de um caldeirão de ferro pousado no chão sobre um lado. Eu consegui distinguir apenas a torre estreita cinzenta de um castelo distante. Mas o meu olhar foi arrastado mais uma vez para a mulher, numa mão uma maçã, na outra um punhal. *Faz a tua escolba*, pareciam dizer os pequenos olhos negros ovais.

Faz a tua escolba.

— Isso é um ouroboros.

Emiti um pequeno *Oh!* de surpresa. Era o David. Ele aproximara-se pelas minhas costas, e quando eu ri, ele também riu.

— Desculpa se te assustei. — Ele olhou para baixo.

— O que disseste?

— Estava a mencionar o ouroboros, aquela cobra a devorar a própria cauda, ali.

Ele apontou a página oposta do texto, latim executado em pinceladas pretas e curvas. A primeira letra, um *O*, tinha de facto a forma de uma serpente enorme enrolada a engolir-se a si própria. Eu olhei encantada para as pinceladas intrincadas, as filas e filas de escamas minúsculas, uma linha de vermelho, depois azul, depois novamente vermelho, e para a sua barriga dourada. Os olhos da serpente eram pontos de verde venenoso, e as presas brancas reluzentes emergiam do seu lábio inferior escamoso envolvendo a sua própria cauda com uma ferocidade selvagem.

O David olhou-me.

— Não são todos os homens que conseguem utilizar a palavra *ouroboros* tão confortavelmente numa frase. Espero ganhar alguns pontos.

— Assumo que foi por isso que nos escapulimos para aqui, não foi?

— Em grande parte. Tenho andado a tentar usar a palavra desde que te conheci, essa e *psst*. — Ele espreitou a etiqueta que continha a descrição da peça. — *A Donzela do Castelo Morwyn*. — Falou baixinho, mas a voz dele prolongou-se, enfatizando o silêncio que nos rodava. Deixou-me desconfortável. — Da coleção privada de... — Ele interrompeu-se, depois continuou — Matthew de Villias. Raios me partam.

— O que foi?

— É o mesmo sobrenome de um amigo meu.

— Estranho.

— Acho que não é assim tão estranho. Ele vem de uma família antiga, faz com que os *Mayflower* pareçam gentrificados. — Baixou-se novamente.

Ouvimos os acordes vazios de um sino, depois:

— SENHORAS E SENHORES.

A voz era ríspida e sonora. Nós saltamos os dois e depois rimos.

— O museu vai fechar dentro de aproximadamente quinze minutos.

— Parece que temos de ir.

— Parece que sim. — Tento parecer relutante, mas estava satisfeita. Sabia que não devíamos estar ali.

O David começou a caminhar para a porta principal de saída da galeria, mas apesar do meu desconforto crescente decidi dar mais uma espreitadela ao manuscrito. Provavelmente nunca mais o iria ver, e havia algo naquela ilustração que simultaneamente me fascinava e me irritava. Tinha o encanto assustador de uma caixa-surpresa. Sabemos que se continuarmos a rodar a manivela enquanto está a tocar a musiquinha *ti-li-li-li*, eventualmente um pequeno palhaço horrível com um sorriso rasgado vai saltar disparado na nossa direção, mas nós fazemo-lo de qualquer das formas.

Só para vermos se temos a coragem para o fazer.

A mulher continuava a segurar uma maçã na mão direita e o punhal na esquerda. Atrás dela, estava a floresta intrincada e a torre cinzenta. Só que algo parecia diferente. Inclinei-me para a frente. Estariam as ervas esvoaçantes inclinadas na mesma direção? O vapor estava a emergir do caldeirão? Era a mulher. Ela estava a sorrir. *Antes não estava*, pensei. Inclinei-me para baixo, o mais próximo que me era possível, o meu nariz agora quase colado ao vidro. Sim, ela estava a sorrir, e havia alguém, ou algo, mesmo atrás dela por entre as árvores?

— Katherine! — A voz do David tinha um tom de urgência.

— David?

Ele não respondeu.

— David? — Chamei novamente, desta vez um pouco mais alto, enquanto fazia caminho entre os incontáveis expositores vazios. Contornei uma esquina e vi-me numa sala em que nunca estivera, a sala errada. O meu estômago apertou-se. — David, onde estás?

— Aqui.

Controla-te, Katherine. Segui na direção do som da voz dele. Ele estava junto à primeira porta na qual tínhamos entrado, as costas voltadas para mim.

— Qual é o problema?

— Está trancada. — Ele continuava a tentar rodar a maçaneta, primeiro para um lado depois para o outro.

O meu estômago apertou-se ainda mais.

— Estás a falar a sério?

— Sim. — A palavra foi seca.

Eu reprimi uma onda de pânico. Não era apenas porque iríamos arranjar problemas, que iríamos; era porque me apercebi que estava trancada na escuridão com um estranho. Eu não sabia nada sobre o David.

Samantha Rodriguez.

— Acho que podemos tentar pedir ajuda e conseguir chamar a atenção de alguém. — Lutei por conseguir usar um tom casual, mas a minha voz soou insegura e trémula.

O David parara de rodar o manípulo da fechadura. Agora ele estava completamente imóvel, os ombros dele descaíram. Estranhamente sem qualquer emoção, sem levantar a cabeça, ele disse, constatando um facto simples:

— Eles não te vão ouvir.

Ob Deus. Ob Deus. O meu corpo ficou tenso, ou para correr ou para gritar. O nome Samantha veio-me à memória porque...

E então ele riu e abriu a porta.

— Apanhei-te!

Saí. Não lhe disse uma palavra. Não olhei para ele. Os batimentos do meu coração estavam a ecoar-me nos ouvidos.

— Não teve graça.

— Desculpa, não consegui resistir. — Ele ainda se estava a rir um bocado, satisfeito pela sua pequena encenação ter funcionado tão bem. Quando continuei sem lhe dar uma resposta ele ficou defensivo.

— Ei, porque estás tão séria?

Rodei para o encarar.

— Sabes que encontraram outra rapariga assassinada, certo? É a segunda rapariga com a garganta cortada no espaço de dois dias. Portanto, visto tudo o que está a acontecer, não acho que o que acabaste de fazer tenha sido de bom gosto.

O rosto dele esmoreceu de imediato.

— Oh, merda, não pensei nisso.

— Obviamente.

Ignorei-o enquanto fazíamos o percurso até à saída, embora sentisse que ele me lançava alguns olhares. Na rua escurecera e esfriara ligeiramente apesar de estarmos em meados de Maio.

— Katherine, por favor, lamento imenso. Por vezes tenho um sentido de humor infantil.

Eu encolhi os ombros. Um táxi passou; algures próximo de nós uma mulher riu.

— Deixa-me pagar-te uma bebida para te compensar.

— Está tudo bem, obrigada.

— Não fiques chateada comigo.

— Não estou, só que já está tarde e...

— Ei — disse ele, e pegou-me na mão.

Fiquei surpresa e senti-me sem jeito. Tentei puxar a mão, mas ele manteve-a segura. A mão dele, grande e quente, a segurar a minha. Recusei-me a cruzar olhares.

— Sei que agora pensas que sou um idiota e admito que foi uma coisa estúpida de se fazer dadas as circunstâncias. Por favor, perdoa-me e deixa-me levar-te a um bar fantástico para eu poder rastejar aos teus pés como é devido e tu poderes gritar comigo no conforto que mereces.

Finalmente levantei o olhar até ele. Ele não desviou os olhos, ficou só a segurar-me na mão.

— Sim — disse eu embaraçada. — Acho que gostava de tomar um copo de vinho enquanto tu rastejas aos meus pés.

— Conheço o sítio ideal — disse ele. Eu fiquei irritada por sentir uma pontada de perda quando ele me soltou a mão.

Tratava-se, na verdade, de um bar espanhol de tapas, com pequenos bancos sofisticados e fotos antigas emolduradas de toureiros em pose. O David estava afável e relaxado. Eu comecei a descontraír. Embora fosse o destino trágico daquelas mulheres que me estava na mente, despoletado pelo manuscrito. Houve algo nele que me afetou profundamente. Comecei a sentir-me encabulada por ter reagido de forma exagerada. Pobre rapaz! Não era de admirar que a brincadeira

inofensiva dele me tivesse abalado mais do que eu estava disposta a admitir. Ponderei se devia abordar o assunto e explicar-me mas, felizmente, parecia cada vez menos necessário fazê-lo. Como se num acordo sem palavras, não voltamos a tocar no assunto.

O vinho era maravilhoso, encorpado e vermelho. Sentámo-nos no bar e comemos coisas deliciosas e dispendiosas em pequenas tostas. Ele falou e eu falei e as horas fundiram-se umas nas outras até que esvaziámos o sítio com conversa e os empregados começaram a fazer um grande alarido ao empilhar as cadeiras e a olharem para nós com uma certa irritação. Estava de facto a ficar tarde e o David queria dar-me dinheiro para o táxi, mas eu recusei, então ele acompanhou-me até ao metro.

Enviou-me uma mensagem para se certificar de que eu chegara bem a casa e eu enviei-lhe outra em resposta. Foi divertido e estúpido e adorável.

Telefonou-me na terça-feira seguinte.

— Olá.

Tinha uma boa voz de telefone.

— Olá. — Eu estava nervosa, contente.

Falámos um pouco sobre nada em particular e depois ele disse:

— Um amigo meu vai festejar o aniversário num bar no sábado à noite, nada de especial, mas...

— Não posso ir. Ia adorar mas...

— Bolas! Já tens planos, não tens?

— Infelizmente, sim.

— Sabia que não devia ter esperado as setenta e duas horas antes de te convidar para uma coisa com três dias de antecedência, mas eu estava a tentar parecer bem.

— Vês onde te leva tentares comportar-te bem? — Era divertido jogar o jogo da sedução com ele.

— E agora tu andas a dividir-te entre vários encontros escaldantes ao mesmo tempo?

— Obviamente.

— Percebo. — Ele soou tão mísero que me fez rir.

— Prometi a um amigo que iria a uma festa e já não o vejo há imenso tempo por isso tenho mesmo de ir. É uma festa temática. — Confessei.

— Uma festa temática? Tens a certeza que essa amizade vale isso tudo?

— Nem por isso, mas por vezes temos de fazer sacrifícios.

— Bem, da próxima vez não vou esperar tanto tempo.

Por isso, vai haver uma próxima vez. Pelo menos foi o que pensei, mas não existiu mais nenhuma mensagem e não combinamos nada formalmente, nenhuma data definida para um novo encontro. Ponderei se talvez aquela não tivesse sido a minha oportunidade e eu mandei-a pelos ares.

Consulto o telefone. Nada. Há algo de trágico na imagem do homem flácido e barbudo enfeitado com *tupperware* que está a dançar com uma rapariga melancólica de óculos vestida de animais de peluche. Eles estão a sorrir, mas os seus olhos não sorriem. Querem encontrar o amor fora deste pequeno círculo nesta sala escurecida. Querem pertencer a um clube que não os aceita.

Neste instante eu poderia estar com o David num bar qualquer maravilhoso, a conhecer os amigos dele, mas aqui estou eu, sentada no sofá junto a um sujeito qualquer, a ouvir especulações macabras em meu redor.

Porquê só agora?

Aquela rapariga, Samantha qualquer coisa, tinha um namorado ciumento. Eles acreditam que ele enlouqueceu e a esfaqueou até à morte. Não a ligaram à primeira rapariga até encontrarem esta mais recente. E foi então que se aperceberam de que eram três as raparigas assassinadas da mesma maneira.

Merda.

Eu sei, assustador, certo?

Eu tento falar sobre outra coisa. Preciso de me esforçar para o conseguir, preciso de me esforçar para me fazer ouvir acima da música, tenho de me inclinar. O sujeito não faz qualquer esforço para vir ao encontro da minha inclinação a meio-caminho. Ele sorri, mas os olhos dele nunca largam as dançarinas. Questiono-me se estará embriagado. Desejo estar embriagada. Esta é uma daquelas noites em que não vou conseguir ficar bêbada. *Vai à merda, idiota*, penso numa conversa mental paralela enquanto me levanto. *Quem te dera a ti teres-me levado a ver as madeiras esculpidas.*

Passo por uma rapariga, que está a usar um abajur, e por outra alma corajosa a envergar um cinto com vasos de plantas. Definitivamente, chegou a hora de ir embora. Encontro o Colin no canto. Ele está sentado junto ao anfitrião. Eles estão ambos a radiar com a intimidade fácil de algo que está apenas a começar. Reconheço o calor do

sorriso. E eu que disse *não* ao David por isto. *Mais uma vez, obrigada a todos.* Digo ao Colin que estou de saída. Digo que tenho de acordar cedo no dia seguinte. Ele faz os protestos esperados, mas sei que, agora que encontrou alguém, ele não se vai importar. Pondero enviar uma mensagem ao David para saber onde é o bar, mas já é tarde e eu estou longe, em Brooklyn.

Vou até ao quarto do anfitrião para trocar de roupa. A cama é um mar de roupas. As paredes têm um tom leve de cinzento, suave sob o brilho do candeeiro da mesa-de-cabeceira. Apresso-me. Não quero que ninguém apareça. Quero trocar de roupa e sair dali. Sutiã apertado, camisola puxada para baixo, botões das calças apertados, sapatos atados e é apenas quando me olho no espelho de corpo inteiro que vejo o homem sentado na cadeira. Ele estivera ali durante aquele tempo todo.

Eu rodo com um pequeno grito.

O homem que lá está sentado tem cabelo escuro e encaracolado e um rosto leonino, olhos sonolentos e sombrios e uma boca grande. Ele não pede desculpa. Ele nem sequer se levanta da cadeira.

— O melhor de Nova Iorque — murmura ele — é observar as pessoas.

— O que está a fazer aqui? — *Estava a ver-me mudar de roupa, e eu estou a usar a minha roupa interior rafeira. Será que me cocei? Ajeitei o sutiã?*

— Pensei que era óbvio.

— Acredito que desfrutou?

Ele faz uma pausa para ponderar. Insulto acrescido à injúria.

— Não foi terrível. — Os cantos dos lábios dele elevaram-se ligeiramente.

— Não vai pedir desculpa?

— Não.

— Devia pedir desculpa.

— Porquê? Não estou arrependido.

— Não sei como foi educado, mas quando as pessoas fazem algo errado, é costume pedirem desculpa.

— Na verdade, estás enganada. A sociedade pressiona as pessoas a desculpam-se para satisfazer a necessidade de reconhecimento de um ato errado. As pessoas raramente se sentem mal pelo que fizeram, elas apenas se sentem mal por terem sido apanhadas. — O tom dele é monótono, ligeiramente condescendente.

Que idiota. Penso nas coisas mais ofensivas que poderia dizer-lhe. Estou vulnerável. Ele viu a parte de trás das minhas coxas e o meu rabo, e não de ângulos visuais favoráveis.

— Então, é um psicopata. — A minha boca está seca e as minhas faces a esquentar.

— Por não me sentir culpado? — Ele pensa nisto. — Talvez seja apenas honesto.

Os olhos dele são de um verde tão pálido que quase roçam o amarelo. Agora eles reluzem. É óbvio que se está a divertir. Eu preciso de lhe limpar o sorriso convencido daquela cara arrogante.

— Tem razão. Não é um psicopata. Faltam-lhe as boas maneiras. Não tem classe.

O sorriso presunçoso desaparece. Bingo.

Ele olha-me com frieza.

— Então, quantos jantares?

— O quê?!

— Quantos jantares são normalmente necessários para te ver nua?

Os meus lábios tornam-se dormentes. As minhas faces ganham um formigueiro como se ele me tivesse esbofetado.

— Para as mulheres com quem costumo sair são uns dois — continua ele. — Por vezes um, dependendo do restaurante. E do tipo de rapariga — acrescenta como um pensamento posterior.

O ar solidifica-se em gelo. Nós ficamos a olhar um para o outro.

— Levanta-te. — A minha voz é perigosa, suave.

Deve haver alguma coisa no meu tom. Ele desdobra-se da cadeira, languidamente, como um gato.

— Anda cá.

Ele move-se na minha direção.

— Para.

Ele fá-lo. Agora ele está de pé, a aguardar.

Eu contorno-o a caminho da porta do quarto. Faço a chave rodar na fechadura. Depois vou para a cadeira da qual ele me observou. Sento-me e olho para ele. A nossa mesa de jogo rodou.

— Então?

— Então? — repete. O sorriso dele é insolente.

Eu mantenho a voz vazia de expressão.

— Despe-te.

Ele olha-me durante um longo momento e eu questiono-me se ele vai rir ou sair do quarto. O tempo passa. Eu nunca me vou safar com esta. E então, sem rodeios, sem deixar cair o olhar, as mãos dele começam a desapertar os botões da camisa.

— Devagar. — A minha boca está seca. Mantenho a voz calma, como se pronunciasse instruções desta natureza regularmente. Cada um dos botões é desapertado.

A camisa dele.

Desvestida.

Os ombros dele são lisos.

O peito dele é claro com um pequeno sinal em contraste com o resto.

Em tronco nu, ele olha para mim; mais uma vez os cantos da boca dele elevam-se.

Ele pensa que eu não tenho tomates para fazer isto.

Engulo em seco. Forço-me a olhá-lo olhos nos olhos.

— Tira as calças. — Agora, ele já não está a sorrir.

Não sei o que comecei, mas tenho de continuar.

Ele recusou-se a pedir desculpa.

Ele empurra as calças para baixo e dá um passo para fora delas.

Permanece em pé a olhar para mim, apenas em bóxeres, pretos e com elástico branco. Ele permanece totalmente composto enquanto olho para ele.

Permito-me apreciar sem reservas nem contenção. O corpo dele é maravilhoso. Sinto uma gota de suor a nascer entre os meus seios, debaixo dos braços.

Eu vou terminar aquilo que comecei.

— Esses também — digo.

Isto deve ser um sonho. Não é um sonho. Mas tem os movimentos lânguidos e o peso estranho de um sonho.

Um homem, de ombros largos, musculado e esguio, está nu à minha frente.

De alguma maneira a força da gravidade neste quarto intensificou-se. Não estou certa de que as minhas pernas consigam suportar-me, ou suportar qualquer peso. Parte de mim interroga-se, *Será que sempre foi assim tão fácil? Tudo o que eu tinha de fazer era pedir?* O rosto dele não deixa transparecer nada, mas eu consigo ver. O corpo dos homens denuncia-os. Ele está excitado.

Forço-me a levantar, a caminhar até ele. Tão lentamente quanto lhe disse para se desvestir.

Ele só olha para mim. Espera para ver qual será a minha próxima jogada. Eu pouso as mãos sobre os ombros dele.

Elevo-me em bicos de pés.

Mantendo-me em bicos de pés, inclino-me aproximando-me e sussurro uma palavra ao ouvido dele:

— Cinco.

Depois passo por ele em direção à porta. Rodo a chave. Produz um clique e a porta abre-se, deixando entrar os acordes da música, os risos barulhentos, a gritaria rouca que é considerada brincadeira à 1h35 numa noite de domingo.

Saio. Não olho para trás.